

## O imaginário gótico da cibercultura – notas randômicas sobre o lado obscuro das tecnologias de comunicação.

Adriana AMARAL <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo, de caráter ensaístico, tem como objetivo problematizar a influência do romantismo gótico – de um gênero literário aos meios de comunicação e a cultura das redes - no imaginário da cibercultura, através de dois modos: o estético, especialmente no caso da Ficção Científica – em suas várias apresentações - e de seu repertório imagético sobre a relação homem-máquina; e o teórico, a partir da visão de futuro soturna e apocalíptica em relação às tecnologias de comunicação e os efeitos das mesmas em práticas sociais, apresentada tanto pelos chamados *digerati* quanto pelos críticos da cibercultura em suas discursividades. Observamos assim, uma espécie de ressurgimento da tradição gótica, embora incorporando elementos da cultura digital - em momentos distintos, das trevas vitorianas a sua instalação temporária no *hard drive* imaginário da cultura tecnológica.

**Palavras-chaves:** cibercultura; imaginário; romantismo gótico, tecnologias de comunicação.

“O artista trágico não é nenhum pessimista. Ele diz justamente *sim* a tudo que é digno de questão e passível mesmo de produzir terror, ele é *dionisiaco*...” (Nietzsche, 2000, § 6).

“What happens if the culture of gothic goes uncontested? What if it is influence grows, it becomes sharper, more subtle, more pervasive, and what if nothing comes along to counter the gothic drive?” (Edmundson, 1997, p. 125).

“O gótico é uma barbárie sofisticada. É a paixão pela vida coberta pelo simbolismo da morte. (...) É a compulsão por fazer a coisa errada pelos motivos certos. É uma nostalgia ansiosa pelos dias sombrios que nunca existiram. É a negação da realidade e a transferência da fé para o imaginário” (Baddeley, 2005, p. 19).

### O espectro gótico na cultura tecnológica

Um espectro assombra a cibercultura. O espectro do romantismo gótico e sua nostalgia escapista. Os esqueletos no armário da sociedade tecnológica ainda não foram enterrados e ressurgem nas fobias anti-tecnológicas, nas visões horrendas das fantasias genéticas apontadas pelos grupos religiosos ao acusarem a ciência em sua decodificação do DNA, no discurso da vigilância *full time* da rede e da pervasividade das tecnologias móveis que nos acompanham em momentos de afetação cotidiana feito o espelho de Dorian Grey.

O imaginário gótico, longe de ter sido excluído da sociedade de transcendência,

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Professora e pesquisadora do Mestrado em Comunicação e Linguagens da UTP-PR. Site: [www.adriamaral.com](http://www.adriamaral.com) Email: [adriamaral@yahoo.com](mailto:adriamaral@yahoo.com)

na qual mente e corpo estão potencialmente perto de serem separados (vide as propostas transumanistas e tecnognósticas entre outras) permanece em sua eterna ronda, visitando, *post mortem*, os desafetos – como o desejo da carne e as situações não-rationais típicas da humanidade - e lançando maldições contra as tecnologias.

Falar sobre o gótico suscita uma série de controvérsias e distinções. Optamos pela noção de contracultura que nasceu de um gênero literário, o romantismo, e que se encontra presente nos mais diversos aspectos da cultura contemporânea, seja em fenômenos sociais - como uma subcultura – seja no lado esteticamente grotesco e desviante da sociedade em rede.

“Hoje em dia, a contracultura gótica se manifesta no âmago da cultura de shopping center com uma virulência crescente, o que nos faz retornar a nossa indagação original: o que é gótico? De certo modo, é uma tendência oculta e mórbida da existência diária, uma versão crepuscular do mundo iluminado pelo sol. Por outro lado, o gótico é um vespeiro bem-vindo de contradições que tem se desenvolvido por centenas de anos de contraculturas: o grotesco, o gótico, o romantismo, o decadente e a moderna subcultura gótica”. (Baddeley, 2005, p. 19).

Nesse ensaio, pretendemos encarar alguns fantasmas do gótico que andam cobrando suas dívidas com o imaginário da cibercultura, a partir de duas perspectivas. A primeira delas é o reencontro com as influências sombrias no campo da ficção-científica<sup>2</sup>. A segunda é mais arriscada, pois trata de enfrentar a discursividade produzida pelo pensamento sobre a cibercultura, tanto em sua postura crítica quanto nos escritos mais exaltadores em relação à tecnologias.

Ambos discursos apresentam suas visões sombrias; os primeiros, bastante centrados nos efeitos das tecnologias nas práticas sociais relacionando-as com um possível desaparecimento do sujeito; os segundos, oferecendo as tecnologias de comunicação como um substituto às monstruosidades do dia-a-dia. De onde os heróis ou heroínas podem travar contato com uma face mais branda das deformidades que atacam a sociedade, confortavelmente instalados em suas fortalezas digitais.

Pretendemos aqui, visualizar o lado obscuro da cibercultura a fim de apontar possíveis conexões entre dois imaginários aparentemente distintos: o da cultura gótica e o de nossas relações com as tecnologias de comunicação.

“Nos filmes de terror, a salvação está em decifrar e racionalizar a imagem “selvagem” do fantasma. E na história cultural, a revelação consiste em compreender que o imaginário esconde-se, no próprio seio de nossas práticas científicas e relações com as tecnologias, para seguir produzindo seus fantasmas e fantasmagorias” (Felinto, 2006, p. 32).

---

<sup>2</sup>Um esboço mais detalhado dessa influência, analisando especificamente o caso da ficção-científica cyberpunk, encontra-se em AMARAL, Adriana. Espectros da ficção científica. A herança sobrenatural do gótico no cyberpunk. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 38, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=15>> Acesso em: 08 ago. 2004.

## Romantismo gótico e ficção-científica – resíduos de um imaginário.

“Science fiction tends to behave like a species of history pointing in the opposite direction, up the timeline rather than back. But you can’t draw imaginary future histories without a map of the past that you readers will accept as their own”. (Gibson, *Source Code*, 2003)

Lowy e Sayre (1995, p.25) afirmam que o romantismo é uma visão de mundo, ou seja, uma estrutura mental coletiva que fica mais ou menos presente, em determinados períodos históricos e movimentos artísticos. Sendo assim, ele é uma presença que adquire visibilidade em algumas obras ou mesmo estilos. “(...) com efeito, muitas obras românticas ou neo-românticas são deliberadamente não-realistas: fantásticas, simbolistas e, mais tarde, surrealistas”.

A herança do romantismo na FC se manifesta principalmente através da idéia de utopia<sup>3</sup>, da nostalgia de se retornar aos valores perdidos; pela estetização do presente; pela rejeição e euforia em relação à modernidade e, principalmente, pela idéia de maquinização do mundo e das relações puramente utilitárias entre os seres humanos. “Os românticos estão também obcecados pelo terror de uma mecanização do próprio ser humano” (LOWY e SAYRE, 1995, p.59).

Para Lowy e Sayre (1995), a influência romântica é difusa e tendencialmente dominante, contudo, ela tem sido, na maior parte do tempo ignorada e negada, embora algumas correntes e tendências de arte e cultura contemporâneas transformem e alterem a herança romântica, mesmo assim perpetuando-a. Segundo os autores:

A Ficção Científica começa anti-romântica, dirigida aos novos intelectuais – cientistas e técnicos, pouco sensíveis à visão romântica, projetando tecno-utopias, mas após o conflito mundial (a Segunda Guerra) e durante os anos 50, instala-se a dúvida e o ceticismo; e a partir dos anos 60, em um terceiro tempo, vamos assistir a *visões negras*<sup>4</sup> de degradação total do mundo, desastre ecológico, até mesmo destruição final (LOWY e SAYRE, 1995, p. 223).

Mas devemos voltar um pouco no tempo e observar o contexto e a caracterização do romance gótico, especificamente na literatura britânica. Muitas são as definições do romantismo gótico e de suas características, embora não seja nosso objetivo rastreamos a influência medieval dos chamados povos godos sobre a cultura européia, sabe-se que, na literatura inglesa, de acordo com Wolfe (1986), o termo primeiramente apareceu como um subtítulo do conto *O castelo de Otranto* – um conto gótico, em 1765, de Horace Walpole.

Landrum (1999, p. 22) acrescenta que a partir do imaginário gótico, destacam-se três distintos gêneros: o horror, a ficção científica e as histórias de mistério/detetive. Para ele, “há um resíduo do imaginário gótico dentro do aparato desconstrutivo do mistério secular”. Esse imaginário vem até o presente através de um efeito que suspende o senso comum do leitor, criando realidades alternativas, ou mantendo diferentes graus de ambigüidade sobre a realidade.

---

<sup>3</sup> A respeito das intrínsecas e profundas conexões entre a ficção científica e o modo utópico de pensamento ver WILLIAMS, Raymond. *Utopia and Science Fiction*. In: PARRINDER, Patrick (ed.) *Science Fiction. A critical guide*. NY: Longman, 1979.

<sup>4</sup> Grifo da autora.

## Sublime e grotesco – duas faces da estética da cibercultura

Um conceito indispensável ao gótico é o de sublime. Em 1756, Edmund Burke formula o conceito de sublime como o efeito estético que inspira o terror e tem a dor como uma de suas bases, provocando emoções e contrapondo-se à placidez da beleza. O sublime é o efeito condutor do gótico, “(...) aquilo que desafia a compreensão racional invocando uma mistura de prazer e terror no espectador”.<sup>5</sup> (BURKE apud DERY, 1999, p. 160).

Por ser uma alegoria constante do romantismo, o sublime retorna, de várias formas, sobrevivendo às mais diferentes tendências literárias e, como constata Tabbi (1995) persiste na época contemporânea como figura de poder emotivo, mediado agora pela ciência e pela tecnologia, o sublime da época romântica torna-se o sublime tecnológico. Em vez de sublime tecnológico, Mark Dery (1999) define a estética da cibercultura como Neo Grotesca (*New Grotesque*). “Novo em contradistinação à estética grotesca do último fim de século, manifestada no apreço vitoriano pelo esquisito e pelo deformado<sup>6</sup>” (DERY, 1999, p.148).

Através de exemplos retirados da cultura popular norte-americana (sejam eles das artes plásticas, fotografia, literatura, entre outros) o crítico novaiorquino conta a trajetória da estética do neogrotesco, dos *freakshows*<sup>7</sup> da época vitoriana aos vídeos de artistas pop como Nine Inch Nails, David Bowie e Marilyn Manson, das exposições de arte aos filmes de Tarantino, do underground ao mainstream, em um constante fluxo de forças.

Segundo Cavallaro (2002), o gótico é um campo onde o horror e o terror possuem uma interação constante. O horror é o medo ocasionado por sangue visível e o terror é o medo disparado por agentes indeterminados. Essa indeterminação produz uma estética do que não é bem vindo. “Um discurso cultural que utiliza imagens de desordem, obsessão, desequilíbrio psicológico e distorção física com os propósitos de entretenimento e especulação ideológica”<sup>8</sup> (CAVALLARO, 2002, p.27).

Tanto a ficção gótica quanto, posteriormente, a FC são, como fala Thomas (1988), literaturas da angústia. A primeira, por mostrar a angústia da passagem do rural ao urbano maquinizado da revolução industrial na Inglaterra e a segunda, por contínua e insistentemente expressar o sonho do homem de vencer a morte, pois o homem precisa crer nessa utopia para continuar vivendo, pois “a FC ilustra a potência do imaginário”. (THOMAS, 1988, p.17). O uso desse imaginário gótico em histórias posteriores está “associado com a vida urbana e sua decadência” (LANDRUM, 1999, p. 43).

Um outro ponto ressaltado por Prungnaud (1997) é o da osmose entre autores britânicos e franceses no período do romantismo gótico, sendo que havia um intercâmbio de influências entre esses países no que tange à literatura. Para Tomás (2001), os escritores simbolistas, como os modernistas e decadentistas<sup>9</sup> enxergam a vida

---

<sup>5</sup> “that which defies rational understanding by evoking a mixture of pleasure and terror in the viewer”. (BURKE apud DERY, 1999, p. 160).

<sup>6</sup> “New in contradistinction to the grotesque aesthetic of the last fin-de-siècle, manifested in the Victorian fondness for the droll and the deformed.”

<sup>7</sup> Show de horrores.

<sup>8</sup> “a cultural discourse that utilizes images of disorder, obsession, psychological disarray and physical distortion for the purposes of both entertainment and ideological speculation” (CAVALLARO, 2002, p. 27).

<sup>9</sup> Em sua crítica ao romantismo Wagneriano está presente a noção de decadência em relação ao estilo que perpassa a obra de Nietzsche (1999, § 7): “No momento me deterei apenas na questão do estilo. — Como se caracteriza toda decadência literária? Pelo fato de a vida não mais habitar o todo. A palavra se torna soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha

inteira como obra de arte, menosprezando o útil em relação ao belo, dotando de um valor de beleza a todos os tipos de objetos úteis que cercavam suas vidas.

### **Sujeito quase fantasma versus elitismo gótico dos digerati**

É nesse cotidiano que encontramos nossa segunda perspectiva de questionamento. Saindo do domínio da ficção-científica, a presença do gótico continua a nos perseguir. Nas práticas sociais e comunicativas, alteradas sob o efeito das tecnologias: vírus de computador disseminados por e-mails ou comunicadores instâneos, *trolls*<sup>10</sup> que anarquizam a rede, *crackers*, a satanização das trocas P2P – músicas, filmes - pelas mega-corporações de entretenimento (as grandes indústrias fonográficas e audiovisuais), experimentos genéticos, coelhas com pêlos verde-fosforescente apresentadas como arte, vestidos que trocam de cor ou disparam alarmes de acordo com a temperatura, entre outros exemplos nos dão indícios do sublime tecnológico no mundo contemporâneo.

“Cybergothic slams hyperheated critique into the ultramodern “vision thing”, telecommercialized retinas laser-fed on the multimedia fall-out videopacking brains with repetitive psycho-killer experiments in non-consensual wetware alteration: crazed AIs, replicants, terminators, cyberviruses”(Land, 1998, p. 79).

O gótico também aparece nos discursos que enfatizam o caráter de maquinização do ser humano e de desaparecimento do sujeito<sup>11</sup>.

“The subject is nothing but the *ghostly*<sup>12</sup> residue of separation, opening the possibility of appropriating from the self the objective existence it labors to create, and presenting the subject with the objective world as something that it lacks. The subject comes to feel its existence only through its lack of the object, a lack never quite satisfied by any particular object.” (Wark, 2004, §277)

Até mesmo na própria noção de simulacro, o elemento de terror continua lá.

“Etymologically speaking, a simulacrum is a ghost, an illusion.(...) Both the terror and the pleasure that a simulacrum inspires come from

---

vida em detrimento do todo — o todo já não é um todo”.

<sup>10</sup>“A terminologia *troll* começou a ser utilizada a partir de fóruns e listas de discussões nos primórdios da Internet e o termo foi baseado no *troll* do folclore escandinavo, **um ser horrendo e anti-social** que aparece nos contos infantis. Na terminologia da Internet, um *troll* é uma pessoa que posta mensagens ofensivas ou rudes em fóruns de discussões online para gerar discussão ou incomodar os participantes. *Troll* também pode significar a mensagem em si mesma ou ser um verbo que significa postar tais mensagens. “Trolling” também é comumente usado para descrever a atividade. A primeira referência à palavra *troll* no contexto de anonimato na rede pode ser encontrado no Arquivo da Google Usenet e foi empregado pelo usuário “Mark Miller”, em 08 de fevereiro de 1990”. Informações obtidas através da Wikipédia, no termo Internet *Troll*. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Internet\\_troll](http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_troll)> Acesso em jan. 2006.

<sup>11</sup>Em oposição a autores como Baudrillard e Virillio, por exemplo, Bey (2001, p. 64), em sua proposição, fala do desaparecimento como tática. “A partir da minha interpretação, o desaparecimento parece ser uma opção radical bastante lógica para o nosso tempo, de forma alguma um desastre ou uma declaração de morte do projeto radical. Ao contrário da interpretação niilista e mórbida da teoria, a minha pretende *miná-la*”.

<sup>12</sup>Grifo da autora

its transparency, its instability, from the fact that it reveals itself in the real while also denying it”(Dyens, 2001, p. 82).

Ora, se pensarmos nos objetos mais úteis que cercam nossas vidas atualmente, o que encontraremos? Desktops, palmtops, mp3players, computadores vestíveis e toda uma infinidade de aparatos tecnológicos que se apresentam na forma de mini-panacéias para as nossas tarefas cotidianas e contribuem para a noção de fetichização da técnica.

Até mesmo alguns entusiastas da tecnologia recaem nessa visão gótica, contudo, utilizando a noção da Internet como local seguro, no qual a experimentação dos prazeres se dá com segurança e conforto, ao contrário dos horrores das ruas.

Dery (2006) atenta para os elementos históricos que compõem essa visão, destacando o papel da cidade.

“Eu estava falando sobre uma visão gótica das metrópolis que assombra os escritos de pessoas como George Gilder, um guru administrativo e evangelista do mercado livre que, em seu livro “Telecosmo” (uma longa e leviana rapsódia sobre o potencial liberatório das tecnologias digitais e das redes eletrônicas), insulta a metrópolis como um “atrasador” da modernidade industrial. Ele fala sobre a metrópolis, sem sombra de dúvidas, em termos góticos, como uma entidade vampírica, parasitária que está sugando o sangue da sociedade Americana. A retórica dele [é familiar] ao filme de propaganda Nazista “*The Eternal Jew*” – com metáforas tiradas da microbiologia, virologia e do horror gótico. Gilder e outros como ele [estão conjurando] uma demonologia da cidade grande” (Dery, 2006, online).

O autor também comenta que esse tipo de elitismo herdeiro dos escritos do século XIX aparece no discurso dos chamados *digerati*<sup>13</sup>, ou, a elite tecnologicamente desenvolvida que avalia as massas do alto de sua superioridade técnica em uma espécie de darwinismo social.

“Há também um espectro que assombra esses escritos, um medo da proximidade física das “subclasses” étnicas, que eram sempre concebidas em metáforas desenhadas pela *microbiologia*, *virologia* e *biologia*<sup>14</sup>. A massa é sempre uma massa de “outros” sem face, uma coisa com cabeça de hidra que se move como uma unidade única e amébrica, mas que não possui uma mente individual. É um superorganismo. (...) As massas são femininas, sujeitas às

---

<sup>13</sup> De acordo com a Wikipedia: “The digerati are the elite of the computer industry and online communities. The word is a portmanteau, derived from “digital” and “literati,” and reminiscent of the earlier coinage glitterati ([I], glitter + literati). Famous computer scientists, tech magazine writers and well-known bloggers are included among the digerati. The word is used in several related but different ways. It can mean: Opinion leaders who, through their writings, promoted a vision of digital technology and the Internet as a transformational element in society; People regarded as celebrities within the Silicon Valley computer subculture, particularly during the dot-com boom years; Anyone regarded as influential within the digital technology community”. Mais sobre os digerati em *Who are the digerati?* Disponível em <http://www.edge.org/digerati/> eBROCKMAN, John. **Encounters With the Cyber Elite**. Hardwired, 1996.

<sup>14</sup> “A não ser que se trate da obscura vontade de apagar a especificidade da espécie através da confusão genética, de mudar a regra do jogo com o risco de aí se perder. Caso em que nada há a dizer: o homem sempre o praticou na ordem simbólica; praticá-lo-á na ordem biológica. (Baudrillard, 1997, p. 171)

manipulações da mídia por algum astuto que sabe como manipulá-las”  
(Dery, 2006, online)

### **Tradição gótica: morta-viva ou digitalmente renascida?**

“The less you think your map of the past imaginary (or contingent),  
the more conventionally you tend to stride forward into your  
imaginary future”  
(William Gibson, Source Code, 2003)

No presente ensaio, procuramos trazer algumas zonas de sombra a respeito da presença de um caráter gótico no imaginário da cibercultura. Partimos da observação da influência do romantismo gótico em suas temáticas na Ficção Científica, uma das bases de sustentação estética da cultura tecnológica. Vislumbramos a metamorfose do sublime tecnológico e do neogrotesco no contexto contemporâneo.

Por fim, sublinhamos que, por vezes o discurso obscuro e negativista em relação às tecnologias de comunicação e a exaltação da mesmas, contém elementos comuns à cultura gótica, seja através de uma linguagem que tenta evocar o constante horror e a suspensão do real, seja pelas supostas monstruosidades e desvios criados sob efeito da cibercultura.

Assim, pudemos encarar durante algumas páginas a presença espectral do gótico em algumas de suas relações com a tecnologia. A tendência é pensar em ambas as categorias como oposições, entretanto, as descontinuidades e semelhanças nos apontam que, para além do bem ou do mal elas se escondem nas vielas do ciberespaço. Tentamos decifrar algumas de suas pistas, como em um conto de Allan Poe, e procuramos racionalizá-la, a fim de descortinar um pouco do seu imaginário obscuro. Seus detratores dirão que ele é um morto-vivo.

No entanto, como afirma Baddeley (2005, p. 284) a respeito de um presente cybergótico, “certamente no decorrer de sua longa história, a tradição gótica superou desafios muito mais sérios do que sua diluição em cores fluorescentes”. Agora, esse caráter decadente procura seu lugar discursivo em meio a bytes e fibras óticas e aparece sintetizado digitalmente.

### **Referências Bibliográficas:**

- AMARAL, Adriana. **Visões Perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- AMARAL, Adriana. Espectros da ficção científica. A herança sobrenatural do gótico no cyberpunk. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 38, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=15>> Acesso em: 08 ago. 2004.
- BADDELEY, Gavin. **Goth Chic. Um guia para a cultura dark**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total. Mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- BEY, Hakim. **TAZ. Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad Editora, 2a. ed. 2004.
- BROCKMAN, John. **Encounters With the Cyber Elite**. Hardwired, 1996.
- CAVALLARO, Dani. **The gothic vision : three centuries of horror, terror and fear**. New York: Continuum, 2002.
- DERY, Mark. **The pyrotechnic insanitarium. American culture on the brink**. NY:

Grove Press, 1999.

DERY, Mark. **Escape Velocity**. NY: Grove Press, 1996.

DYENS, Ollivier. **Metal and flesh. The evolution of man: technology takes over**. Cambridge: MIT Press, 2001.

EDMUNDSON, Mark. **Nightmare on main street. Angels, sadomasochism and the culture of gothic**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

FELINTO, Erick. O espectro na sala de estar - as imagens e o imaginário tecnológico da fantasmagoria. In: ARAUJO, Denize. **Imagem (Ir) realidade**. Comunicação e cibermídia. Porto Alegre; Sulina, 2006.

GIBSON: William. Source Code. In: GIBSON, William. **Burning Chrome**. New York: Harper Collins Publishers, [1986] 2003.

HENDERSON, Andrea. **Romantic Identities. Varieties of subjectivity, 1774- 1830**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LAND, Nick. Cybergothic. In: DIXON, Joan Broadhurst, CASSIDY, Eric J (ed.). **Virtual Futures**. New York: Routledge, 1998.

LANDRUM, Larry. **American mystery and detective novels**. Connecticut: Greenwood Press, 1999.

LÖWY, Michael, SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos (ou como filosofar com o martelo)**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Caso Wagner. Um problema para músicos. Nietzsche contra Wagner. Dossiê de um psicólogo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

PRUNGNAUD, Joëlle. **Gothique et décadance. Recherches sur la continuité d'un mythe et d'un genre au XIXe siècle en Grande-Bretagne et en France**. Paris: Honoré-champion. 1997.

THOMAS, Louis Vincent. **Anthropologie des obsessions**. Paris: L'Harmattan, 1988

TOMÁS, Facundo. **Formas artísticas y sociedad de masas. Elementos para una genealogía del gusto, el entresiglos XIX-XX**. Madrid: La Balsa de la Medusa, 2001.

WARK, McKenzie. **A hacker manifesto**. Cambridge: Harvard, 2004.

WILLIAMS, Raymond. Utopia and Science Fiction. In: PARRINDER, Patrick (ed.) **Science Fiction. A critical guide**. NY: Longman, 1979.

WOLFE, Gary K. **Critical terms for science fiction and fantasy. A glossary and guide to scholarship**. NY: Greenwood Press, 1986.

Sites:

Mark Dery - <http://www.markdery.com/author.html#statement>

Wikipedia - <http://www.wikipedia.org>